

### Teoria da tradução como teoria de conhecimento.

As considerações em forma de esboço que submeto neste artigo à apreciação dos leitores foram provocadas por um choque de surpresa e admiração que sofri há vários anos sem jamais poder supera-lo satisfatoriamente. Creio que esse choque é experimentado, com maior ou menor intensidade, pela grande maioria dos nossos contemporâneos, tendo portanto interesse público, embora sendo vivência íntima e particular das mais violentas. Denominarei esse choque de "perda da fé na ciência" e abusarei da paciência dos leitores, expondo com poucas palavras a forma que essa vivência violenta tomou no meu caso.

Os racionalistas e iluministas do século 18 combatem a "intolerância" religiosa com um estratagema simples: comparavam religiões. Um exemplo típico é o drama "Nathan, o Sábio" de Lessing. Trata-se de uma tentativa, (profundamente inautêntica), de criar uma atitude "tolerante" em face das religiões não-cristãs, mostrando que o Judaísmo e o Islão são tão verdadeiros quanto o é o Cristianismo. A aceitação autêntica dessa tese não resulta na tolerância das duas religiões não-cristãs, mas na perda da fé em todas as três. A fé no Cristianismo não tolera, não pode tolerar a admissão de outras religiões como equivalentes do Cristianismo. A fé autêntica é intolerante. A dúvida autêntica é igualmente intolerante, não tolera fé alguma. A tolerância é sintoma de inautenticidade. No exemplo proposto podemos argumentar, é verdade, que a tolerância das três religiões bíblicas, embora resulte na perda de fé nas três, pode conduzir para uma fé nos fundamentos comuns às três. Mas o argumento é fraco. Se tomado a sério, resultará na fé em uma quarta religião, intolerante das originais. Aliás, o Islão é exatamente isto: o resultado de uma comparação entre Judaísmo e Cristianismo, e a consequente intolerância de ambos.

Pois bem, o que se aplica à religião, aplica-se igualmente à ciência. A comparação das diferentes ciências, à qual nos vimos forçados todos mais cedo ou mais tarde, não resulta na tolerância de todas as ciências, nem na fé no fundamento comum a todas as ciências, mas em uma fé nova, (no "cienticismo"), intolerante das diferentes ciências, ou na perda da fé na ciência toda. Tendo a ciência, em nossa geração, usurpado em grande parte a posição tradicional da religião, representa a perda da fé na ciência em grande parte a perda da fé "tout court". Daí a violência do choque.

A forma que o drama "Nathan, o Sábio" assumiu no meu caso era a comparação entre física, biologia e psicologia. Tinha depositado a minha fé na física. O segredo da "realidade" se escondia, para mim, naquelas regiões rarefeitas in-

ira-atomares que a física investiga. Identificava "realidade" com "res extensa", aliás uma identificação típica de toda ingenuidade filosófica. Simultaneamente acreditava que a física dispunha de métodos e instrumentos a apropriados à investigação e descoberta gradativa da "realidade". Essa convicção absurda provinha da força persuasiva que os resultados palpáveis da técnica exerciam sobre a minha mente, aliás uma convicção típica da nossa geração. Assim, firmemente enraizado no solo da "realidade", no estado da graça da fé, tentei aproximar-me da biologia e da psicologia. Afinal, ainda não dispõe a física de uma autoridade comparável à da Igreja, a ponto de poder pôr obras biológicas e psicológicas sobre o índice. Dois mundos completamente diferentes surgiram diante dos meus olhos atônitos. Não eram diferentes esses mundos tanto pelos conceitos estranhos com os quais operavam, conceitos como "instinto", e "apreender", e "medo", muito dificilmente reduzíveis ao nível da física; eram diferentes porque diziam respeito a algo que se dizia "realidade", mas tinha estrutura totalmente alheia da minha "realidade". Por exemplo: todos os fenômenos estudados pela biologia e psicologia tinham um aspecto proposital. O animal se adaptava ao ambiente, "para" não ser descoberto. Um complexo era recalcado "para" ser esquecido. Esta palavra "para", este aspecto entelégico da "realidade" com o qual a biologia e psicologia constantemente operam, não cabia no meu conceito da "realidade". Dizer que um próton e um elétron se juntam com o propósito de formar um átomo de hidrogênio é cometer uma heresia biologizante dentro do campo da física. Um outro exemplo do abismo que separa a física da biologia e psicologia seria a impossibilidade fundamental de reduzir os enunciados dessas duas disciplinas para a linguagem matemática, impossibilidade essa demonstrada pelos múltiplos esforços malogrados que foram empreendidos nessa direção.

À medida que me vinha familiarizando com as duas disciplinas, deparei com o abismo que separa a biologia da psicologia. Compreendi os biólogos, quando falam do "perigo da psicologização da biologia". Dizer que a girafa é uma cabra que esticou o pescoço para alcançar folhas nas copas das árvores é heresia psicologizante no campo da biologia, tão herética, com efeito, como seria dizer que a girafa é um campo eletromagnético e gravitacional. "Mutatis mutandis" existe o mesmo perigo biologizante no campo da psicologia. Dizer que um oratório de Haendel é resultado de uma insuficiência glandular é tão herético quanto o é dizer que é resultado de uma constelação de cargas elé-

tricas. A semelhança entre biologia e psicologia, que ingenuamente supunha existir, do meu ponto de vista físico, se desfez. Estava ante três mundos completamente diferentes, e, presumivelmente, ante uma multiplicidade infinita de mundos diferentes, já que as outras disciplinas científicas existentes e a surgir dizem respeito a outros tantos mundos diferentes. (Por exemplo a economia, que não deve ser psicologizada, a história que não deve ser economizada, a crítica de arte que não deve ser historicizada, e assim ad infinitum).

Aí fiz a descoberta mais horrenda: No esforço de salvar a minha "realidade", (a minha fé portanto), tentei considerar o mundo da psicologia e da biologia como casos especiais e especialmente complicados do mundo da física. Consegui o meu intuito. Efetivamente, os fenômenos biológicos e psicológicos podem ser explicados fisicamente, embora aconteça nessas explicações uma coisa curiosa: os fenômenos assim explicados desaparecem. A girafa, explicada como campo eletromagnético, deixa de ser girafa. O "Messias" de Haendel, explicado acusticamente, deixa de ser o "Messias". Mas isto não é o pior. O próprio mundo da física, a minha "realidade", pode ser explicado, com igual facilidade ou dificuldade, como um caso especial e especialmente complicado do mundo da biologia ou da psicologia. E, nessas explicações, desaparece igualmente. A formação do átomo pode ser explicada como fenômeno da evolução biológica, como um passo para a formação da vida, ou de um indivíduo vivo. E pode ser igualmente explicada como fenômeno da vontade que quer chegar ao poder, como ato do espírito que quer realizar-se. Mas o átomo deixa de ser átomo nessas explicações. O mundo da física desapareceu. Assim descobri, num choque de surpresa e admiração, que cada ciência diz respeito a uma "realidade" diferente, e que cada uma dessas "realidades" reclama para si exclusividade e devora todas as demais. Perplexo ante o espectáculo nojento das "realidades" que se devoram mutuamente, a minha fé na "realidade" ruiu.

Restava uma salvação: A fé no fundamento comum a todas as ciências, a fé no "cientifismo". Mas o que é esse fundamento comum, senão o método de investigação? Podia nutrir autenticamente a fé num método específico e restrito como único fundamento da realidade? Mormente quando essa fé estaria em contraste violento com os enunciados de cada ciência específica? Porque dizer que a "realidade" é um método do pensamento humano, um método especí-

zer que as diferentes ciências são outras tantas maneiras de dizer "algo", embora nada possa eu afirmar quanto a esse "algo". Em outras palavras: as diferentes ciências são outras tantas línguas.

Aceitando essa hipótese, na sua forma agora bastante humilde, conseguiremos uma visão nova e menos aterrorizante das "realidades" que se devoram mutuamente. Dizer que uma ciência é uma língua, equivale dizer que ela fala potencialmente a respeito de tudo. (Devora tudo.) Passar de uma ciência para outra equivale a traduzir de uma língua para outra. O problema da relação das ciências entre si é um sub-problema do problema geral da tradução entre línguas. A física descreve "tudo", da mesma forma como o português descreve "tudo". A física descreve "tudo", inclusive aquilo que a biologia descreve, da mesma forma como o português descreve "tudo", inclusive aquilo que o inglês descreve. Quando a física descreve a girafa, sentimos que está traduzindo da biologia, e a girafa desaparece. Quando o português trata do devir ("becoming") sentimos que está traduzindo <sup>do inglês</sup> o "becoming" desaparece. A física tem regras (gramática) diferentes da biologia, daí ser ela dificilmente aplicável à girafa. O português tem regras (gramática) diferentes do inglês, daí ser ele dificilmente aplicável ao devir.

Mas a nossa hipótese permite uma visão ainda mais ampla. A relação entre a física e a biologia é equivalente à relação entre o português e o inglês. São relações paralelas. Ocupam duas camadas paralelas. Além disso existe o problema da relação entre a física e o português. É uma relação vertical, une duas camadas. A relação entre física e biologia é um problema de tradução horizontal, e a relação entre física e português é um problema de tradução vertical. A relação entre física e matemática é o prolongamento do mesmo problema para "cima", a relação entre o português culto e o vulgar é o prolongamento do mesmo problema para "baixo".

Podemos postular portanto diversas camadas de língua. As quatro mencionadas (a "vulgar", a "cultura", a "científica" e a "matemática") são grosso modo paralelas. São como que andares no edifício da língua. As traduções entre elas são feitas por salto (por elevadores). Mas existem também camadas inclinadas. Por exemplo a camada poética que pode surgir abaixo da camada vulgar, cruzar a camada culta, científica e matemática e perder-se nas alturas da camada do misticismo. São como que rampas do edifício da língua. Não há elevadores que unam as camadas horizontais com as camadas inclinadas. A relação

fico chamado "científico", é negar a física, a biologia e a psicologia, e transferir a fé da "res extensa" para a "res cogitans", mas para uma "res cogitans" restrita. Embora seja possível uma tal transferência, é ela um esforço absurdo. É uma tentativa de salvar a fé na ciência, abandonando todas as ciências específicas, e pondo-se em oposição a todas elas. E, o que Nicolai Hartmann tentou fazer, embora sem compreender, conforme creio, todo o alcance do problema. No fundo, aliou a fé no método científico com a fé na física, e postulou, portanto, o "mundo físico" como camada fundamental da "realidade". O terrível choque das diversidades das ciências não abalou Hartmann suficientemente.

Há, no entanto, uma possibilidade inteiramente diversa de superar o estado de vazio e do desespero que acompanha a perda da fé na ciência. O propósito destas considerações é esboçar essa possibilidade. Para tanto partirei da seguinte hipótese: As diferentes ciências são outras tantas descrições diferentes da mesma realidade. A hipótese, tal como está formulada, é insustentável. Como posso saber que as diferentes ciências descrevem a "mesma realidade"? Para poder saber-lo, devo dispor de um acesso direto a essa realidade, acesso esse independente das ciências. Talvez os meus sentidos representem esse acesso direto e independente? Mas os próprios sentidos são fenômenos estudados pelas ciências. Estou num círculo vicioso. Talvez disponho de uma intuição direta, de uma vivência imediata da realidade? Mas admitindo essa intuição, essa vivência, como posso saber que as ciências descrevem a realidade que me aparece por intermédio dela? Traduzindo essa intuição, essa vivência, para o domínio do pensamento articulado, isto é articulando a vivência imediata em forma linguística. Neste caso a minha hipótese deverá ser reformulada. Deverá rezar: As diferentes ciências descrevem de forma diferente a realidade que me é dado inarticuladamente, e que articulo linguisticamente. As diferentes ciências são línguas diferentes que falam da mesma realidade inarticulada. Falam da "mesma" realidade, porque esta é idêntica com a "realidade" da qual fala a língua cotidiana. Mas mesmo esta reformulação deve ser abandonada. Como posso saber que a língua cotidiana fala da "realidade" que me é dada inarticuladamente? Articulando essa realidade. Estou novamente no círculo vicioso. E como posso saber que as ciências falam do mesmo assunto do qual fala a língua cotidiana? Comparando as ciências com a língua cotidiana, isto é falando. Novamente o círculo vicioso. Entretanto, posso salvar algo da minha hipótese primitiva. Posso di

entre essas camadas de posição dispar, (a tradução entre elas) é banhada em mistério. Não há regras para a tradução da camada "científica" para a "poética", da camada "matemática" para a "musical", da camada "lógico-simbólica" para a camada do "mito". No entanto, essas traduções são possíveis. Cada camada é infinitamente subdivisível, e cada subdivisão de cada camada é uma descrição de "tudo". A camada "científica" é subdivisível em "pura" e "aplicada" de mil maneiras diferentes. A camada "cultura" é subdivisível em "técnica", "erudita", "conversacional" etc. Cada camada, e de certa forma cada subcamada, obedece a um conjunto de regras. Descreve "tudo" como o descreve, porque obedece a essas regras. A ciência descreve o mundo pelas regras da ciência, e o resultado é o "mundo das ciências". A poesia descreve o mundo pelas regras da poesia, e o resultado é o "mundo da poesia". Perguntar se há algo em comum a estes dois mundos é, como já demonstrei, uma pergunta que fica sem resposta. Não podemos conhecer esse algo, já que todos os nossos acessos para esse algo passam por diferentes camadas de língua. Todo conhecimento particular é um problema dentro de uma camada linguística, e o "conhecimento" com C maiúsculo é um problema da tradução entre camadas linguísticas. A teoria do conhecimento é, fundamentalmente, uma teoria de tradução. É uma pesquisa das regras que regem as diferentes camadas linguísticas, e das relações, semelhanças e diferenças entre essas regras. Ultimamente está a filosofia despertando para esse fato. Os estudos de lógica simbólica e as pesquisas fenomenológicas e existenciais da língua apontam nessa direção. E é também nessa direção que, possivelmente, o vazio deixado pela perda de fé na ciência pode ser preenchido. Porque o que está acontecendo, com efeito, é a procura de um novo "senso de realidade", (uma nova fé), embora, desta vez, sem uma "realidade" tão palpável, como o foi a realidade da física, e muito menos ainda como o foi a realidade do Cristianismo. A essa procura do novo senso de realidade estamos dedicados todos, saibamos ou não saibamos disso.